

FAVELA GALERIA

ENTREVISTADO:	Randal Bone
Localização da atividade:	Vila Flávia, São Mateus.
Área de Atuação:	Graffiti
Data da entrevista:	25/09/2020
Entrevistadores:	Nísia Oliveira – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

É uma galeria de arte a céu aberto em Vila Flávia, no bairro São Mateus, zona leste de São Paulo. Na galeria de arte a céu aberto, coletivos, ativistas e moradores se mobilizam. Artistas do Brasil e do mundo passam pela Favela Galeria e, com suas obras, auxiliam na construção desse museu. A ideia é que sintam a comunidade e pintem o que têm a dizer para esse povo, uma provocação mesmo. E, para a comunidade, o desafio é o de aceitar a viver com esse momento artístico; muitas vezes, trata-se do primeiro contato que têm com a arte. A Favela Galeria conta com um espaço físico onde acontecem exposições e os artistas podem comercializar seus trabalhos.

ENTREVISTADO:

RANDAL BONE

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Randal Bone: Então meu nome é Randal, mais conhecido como Bone, nas minhas obras eu assino Randal Bone, eu tenho 33 anos, né? É... e faço parte do Coletivo Opni, grupo Opni, assino Opni também, né. E assim... é muito, muito legal isso de é... demorou um pouco de a gente entender isso, mas a gente tem o Coletivo, tem o São Mateus em Movimento, tem a Favela Galeria e assim vai. Aí a gente tem os nossos projetos. O projeto "Quadro Negro" ele foi um dos primeiros, inclusive saia na revista Raça e tal. E eu sou o mais novo do Coletivo assim.... mais novo, eu sou o mais velho dos novo, porque tem um [risos], tem um pessoal que tá aí, nossos alunos, que também hoje são artistas, tem o trabalho deles e a gente viu tudo isso... crescer né?

Aí voltando o Quadro Negro é o, é o mais antigo assim... que a gente é..., é... retratou ícones, mitos né da história, é... da história afro ne, vários... é... Michael Jackson, enfim vários, vários artistas né? E assim foi acontecendo de uma forma orgânica é... é... fundamos o São Mateus em Movimento, o Grupo Opni junto com o Rima Fatal, que é um grupo de rap que o Negotinho é o... um integrante do Rima Fatal, hoje é só Negotinho Rima. E... e aí eu tive esse prazer, esse privilégio de acompanhar tudo isso, né? E de crescer junto e hoje ter essa proporção aí tudo. É... e foi muito importante pra mim, né, como artista, conhecer os artistas.

E não era Favela Galeria, era... Galeria a Céu Aberto. E já era uma galeria por causa do Quadro Negro, então a gente já fazia vários graffitis, mas aí a gente começou a entender que era um museu aberto, uma galeria, né? Então... se tornou essa [risos], esse espaço físico, né, antes era só o ateliê, aqui só num cômodo, aqui era um bar, aqui embaixo, e hoje a gente dominou tudo [risos]. Então é muito legal vê isso crescer, pra mim assim... tô muito feliz, apesar de tanta coisa acontecendo né? Tanta coisa triste..., mas também tô feliz de a gente poder fazer alguma coisa por isso né? Em toda essa pandemia né, a gente juntamente com o São Mateus em Movimento. Eu entendo que a gente é um, é um corpo só, a gente é uma coisa só Favela Galeria - São Mateus em Movimento, não juridicamente e tal, burocraticamente, mas... a gente participa todas as ações, a gente conversa, todas as atividades que rola, a gente tá super integrado, né, isso só fortalece, só continua assim a história desde o início.

É... tivemos alguns apoios né de editais e tal só que foi importante, mas passa né, então é acaba ali, o edital tem o prazo ali, acaba, e o peso a responsabilidade fica nas nossas costas mesmo de

manter né tudo isso, porque os graffitis apagam, a parede descasca, o morador faz uma obra e apaga e a gente olha fala: "putz! Aquele graffiti lá do... chileno ou do né... do pessoal argentino ou francês". Que a gente tem esse intercâmbio né, com os artistas do mundo, que é uma das... dos objetivos aqui da... da Favela Galeria, difundir né esses... é esses artistas e trazer essa cultura, é... trazer a arte, porque a nossa realidade a gente cresceu bem distante do, da..., do mundo artístico, né, assim da elite vamos se dizer e hoje a gente tá aqui né, tamo ai é... como referência eu digo, todo prazer eu falo isso, porque é... quando começou nem tinha muita assim galeria e tal, hoje tem várias galerias a céu aberto, né, de graffiti e a gente... e vários artistas falou pra gente: ô vocês são referências, vocês não sei o quê e tal... Então pra nós é... muito gratificante assim. É... eu admiro muito assim o... a... o trampo de vocês assim em geral, porque acho que valoriza muito os artistas, a cultura, né, sempre vocês estão trazendo isso, acho muito importante, né? [Risos]

Nísia CPDOC Guaianás: Você é morador daqui? Você nasceu aqui? Como que é?

Randal Bone: Não, eu sou vizinho. Eu cresci ali próximo ao Shopping Aricanduva, né, a minha mãe mora ali, só que eu morei aqui né uns três anos, aqui mesmo.

Nísia CPDOC Guaianás: Nesse...

Randal Bone: é aqui mesmo é,

Nísia CPDOC Guaianás: acesso... [risos]

Randal Bone: Tinha um cômodo [risos], tinha uma família que morava, quando a gente tinha o ateliê, aí a família saiu e eu fui pra aquele cômodo, fiquei um tempo aqui, uma experiência também de já acordar no... no trabalho né? Tipo... nossa vamô... dormir e acordar no trabalho assim né, porque... Muitos vê a gente assim a tal, tá se divertindo, mas não, é uma coisa prazerosa pra gente trabalhar com arte, mas ao mesmo tempo é um trabalho sério, é uma coisa que muita gente não entendeu ainda, mas é... é uma coisa muito séria, exige tempo dedicação em tudo. Como se fosse um outro trabalho sei lá, mais formal não sei dizer é... mas é muito legal isso porque as pessoas estão começando a entender né com essas ações nossas e tal, as vezes o pessoal é... questiona, "nossa mas vocês ganham pra fazer esse graffiti?" [Risos]. E às vezes sim, às vezes não né, e... e eu vejo assim o que é melhor de fazer, o que é mais prazeroso de fazer uma coisa pra si, né, não egoísta, mas uma coisa que você está ali estudando, né, porque a arte eu penso cada trabalho é um estudo, é um desafio. Por exemplo, tem um muro ali que eu vou mostrar pra vocês que que assim era bem difícil de pintar ele inteiro por ser grande e a rua descida, não tinha como por a escada, aí eu fiquei olhando pra ele e falei "não, peraí! Eu vou dar um jeito, acho que tem como!" [Risos]. E ai desenrolei, fiquei muito feliz com o resultado

e o pessoal falou nossa meu você fez mesmo, e acho que é isso, né, os desafios que faz a gente crescer, que faz a gente...

Então, eu comecei com a pichação né? Participei de grupos de pichação, inclusive pichadores aqui de São Mateus, então foi um, foi assim um passaporte né, assim a pichação é uma coisa mal vista, invade né, às vezes é desagradável né, mas eu acho que é uma questão de oportunidade, de escolha também, é um artista, o pichador ele é um artista, ele tem as caligrafias dele bem semelhante ao graffiti, aí eu comecei assim e através de projetos eu conheci o Val, o Toddy e o Cris, que são os fundadores do Grupo Opni, né, e eu cheguei depois, entrei na Crew, que a Crew é, não é o Opni, mas é uma Crew que simboliza uma família, que é o Sociedade Fantoche, e a partir daí a gente foi fazendo muitas coisas juntos, e eu me identifiquei muito com o conceito, com a militância do grupo, e teve uma hora que o Val e Toddy olhou pra mim e falou “meu, você é Opni, você é, a gente precisa de você, você é um guerreiro, você integra o grupo”, e pra mim foi muito satisfatório, já admirava, já fazia parte, aí só, só alavancou. Eles, antes de eu conhecer eles, eles já eram a minha referência, em revista, alguns muros, eu já admirava o trabalho do Opni, e assim vai continuando, e o pessoal que tá chegando agora a gente tá ensinando os baguios né, tem o Cleison que é um aluno nosso desde molecote assim, hoje ele já é um homem já e tá trabalhando com arte, tem a Karen que ela tá fazendo um trabalho em jaquetas e tal, e ela começou aqui com a gente e hoje ela faz eventos culturais, graffitis independentes, trabalha com a gente, isso aí não tem preço né. E foi assim, foi muito importante pra mim, São Mateus em Movimento muito aprendizado, e depois que a gente conseguiu vir pra cá, pra Favela Galeria, e as nossas ações sempre alinhadas, paralelas e trabalhando junto.

Nísia CPDOC Guaianás: Então tá, você fala muitos nomes né? Por exemplo, o Opni, é o... Sociedade Fantoche, a Favela Galeria e o São Mateus em Movimento. Queria que você falasse um pouquinho da diferença, o que é o São Mateus em Movimento, né, o que é o Opni, o que é a Favela Galeria, só pra gente conseguir entender.

Randal Bone: Posso começar pelo Opni?

Nísia CPDOC Guaianás: Começa por onde você quiser.

Randal Bone: Então, é, o Grupo Opni ele surgiu em 97, era um grupo de pichadores de aproximadamente 20 jovens, e depois foi tomando uma proporção que cada um foi indo pro seu lado e tal, e aí alguns de nós integrantes assumiu e falou não peraí, a gente, a gente é um coletivo, a gente tem uma importância aqui na arte né, de retratar o negro, de retratar a favela, trazer as questões é de desigualdade, por justiça, e assim vai, e aí foi tomando assim, a gente tem muito,

a gente sempre ouviu muito rap, muito samba né, e a gente teve a oportunidade de conhecer esses artistas, né, de fazer, de trabalhar junto, né por exemplo, Racionais, pessoal do samba, tem o pessoal do Quinteto em Branco e Preto, né a Tia Cida, tudo pessoal assim que apoiou a gente, pessoal do DRR né que é muito, um grupo de rap aqui, um coletivo de rap muito forte aqui, bem marcante do rap nacional em São Mateus, e tudo isso fez parte do crescimento, da nossa independência hoje, por mais que a gente sempre tá junto ali pela história, mas a gente hoje tem os nossos projetos, a nossa caminhada independente né, é, e aí que surgiu, é o Opni é um, a gente nem diz assim, vai além do graffiti né, o Grupo Opni, porque o graffiti ele tá ali é, letra, trem, urbanismo, e tal, e o Grupo Opni ele traz uma história, traz um conceito, ele traz uma militância ali, uma resistência né, mostra ali, é um desabafo, ele desabafa, um desabafo muitas vezes, tanto que o Grupo Opni já teve muitos significados, é, primeiro foi objetos pichadores não identificados, aí depois, os policiais nos incomodam, o ódio produz nossa inspiração, é coisa de, foi evoluindo, hoje é só Opni mesmo, mas com um conceito bem, bem enraizado assim que foi criado com a história, com tudo isso né, e aí o Grupo Opni juntamente com o Rima Fatal, né, o nosso presidente Negotinho, a gente fundou né, fundamos ali com atividades com crianças, então ali naquela parte social. A gente dava aula de desenho, numa tábua assim ó, com um madeirite no colo, a molecada queria desenhar e a gente ia aproveitando aquele negócio ali, de deixar eles ociosos, de fazer alguma coisa, né, hoje em dia a gente tem um estrutura, uma estrutura bem legal, a mesa sai da parede, a gente consegue alguns apoios, alguma coisa, e consegue ter um leque amplo de atividades, tanto esportiva, quanto artística, né, e eu, pra mim é um orgulho fazer parte disso né, de poder participar e fazer parte dessa história né? E foi assim, o São Mateus em Movimento ele é um projeto voltado assim bem social também, captação, no geral assim né, e aí já rolava a Favela Galeria, é orgânico, tudo foi orgânico, porque a gente já fazia os graffitis, a gente só trouxe o nome, Favela Galeria né, pra ter a marca né, e tal, mas é uma coisa só, a gente é um só, a Galeria ela tá mais nessa área artística também, não que o São Mateus não tenha, mas, ela tá mais focada nas obras, em trazer os artistas, né, proporcionar essa expansão da arte aqui em São Mateus, trazer artistas, criar projetos, né.

Nísia CPDOC Guaianás: Então assim, em 1997 surge o Opni né? E depois disso o São Mateus em Movimento é contemporâneo? Surge no mesmo período, como é que é?

Randal Bone: Então, o Rima Fatal sim, até antes do que o Opni, que é Negotinho que é o nosso presidente e é integrante do Rima, já tinha também o Rima. Só que aí o Grupo Opni e o Rima, Rima Fatal, em 2008, 2007 pra 2008, teve essa ideia de fazer o São Mateus em Movimento, e

a partir do São Mateus em Movimento que surge tudo isso, a Galeria, o Quadro Negro, já tinha o Quadro Negro antes, né, que começou com as obras do Opni, mas não era o intuito de galeria ainda, depois que tomou essa forma de Galeria, depois do Quadro Negro.

Nísia CPDOC Guaianás: Então o Opni surge como se fosse uma Crew? A primeira Crew ou não?

Randal Bone: Sim uma das primeiras. Que é o Opni e o Rima Fatal, que é o Negotinho.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí com o São Mateus em Movimento vocês tem a sede lá, é isso que você fala que é tudo a mesma coisa? É uma sede, é um espaço, um movimento como é que é?

Randal Bone: É tudo a mesma coisa digo em forma de ação. Né, que a gente sempre atua junto, seja o São Mateus em Movimento, seja a Favela Galeria, sempre integrado como um coletivo só, mas são dois, São Mateus em Movimento é uma coisa, [risos] difícil de entender talvez, mas a Favela Galeria é outra, mas a gente é um só, a gente faz as coisas juntos.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí a Favela Galeria é um coletivo, ou o Opni é um coletivo que gera a Favela Galeria que é um projeto?

Randal Bone: Isso. O Opni fundou a Favela Galeria, é um projeto do Grupo Opni.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí pensando em sede, quais que são os trajetos de vocês assim, pensando em espaço que vocês ocupavam?

Randal Bone: É, aqui, a Favela Galeria, assim é como se fosse o nosso QG, o nosso.... Aqui, Favela Galeria que tem o escritório né, aqui em cima, e o São Mateus em Movimento também, que é também um ponto que a gente se reúne, faz reunião, recebe as pessoas, elabora projetos, e também tem essa, essa visão da quebrada de poder fazer coisa junto, de movimentar coisa, proporcionar o que a gente realiza assim, nesse sentido artístico, cultural e social também.

Nísia CPDOC Guaianás: E a Favela Galeria surge em que ano?

Randal Bone: A Favela Galeria também já começou junto com o São Mateus em Movimento, porque pra inaugurar o São Mateus em Movimento, a gente pintou a rua inteira assim, fez vários graffitis, chamou artistas, então aí que surgiu que era galeria a céu aberto, não era Favela Galeria ainda.

Nísia CPDOC Guaianás: Isso em que ano?

Randal Bone: 2008. 2008 pra 2009. Surge galeria a céu aberto, aí depois a gente chamou como Favela Galeria, mais a nossa cara né, porque aí depois começou a surgir outras galerias a céu aberto, então a gente criou a nossa marca Favela Galeria, porque é a única né Favela Galeria, com esse nome.

Nísia CPDOC Guaianás: E vocês hoje são fomentados aqui? Você falou de projetos né que vocês conseguem acessar.

Randal Bone: Sim, a gente teve apoios né de editais que a gente se inscreveu né? Mas hoje não, hoje é por nós mesmo, aluguel, a gente paga aluguel, então a gente tira esse aluguel de trabalhos que a gente faz, pra marcas, pra, enfim, várias vertentes aí que a gente participa de trabalhos, aí a gente tira a porcentagem pra manter o espaço, então o que mantém o espaço é a arte, né, aqui a gente respira arte né.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí esses editais são municipais? Qual que foram os fomentos que vocês conseguiram acessar aí na trajetória?

Randal Bone: Ah a gente conseguiu vários assim. Acho que foi PROAC, VAI, Fomento. A gente conseguiu o Fomento também.

Nísia CPDOC Guaianás: A trajetória do Favela Galeria começa em 2008 né? Vocês conseguem acessar. E assim pensando hoje nas atividades que vocês fazem, quais as principais atividades que vocês conseguem desenvolver aqui, você falou de formação. Nessa trajetória aí de 2008, até agora assim, quais os projetos que você destacaria que a Favela Galeria faz?

Randal Bone: Olha, um projeto assim que a gente, que foi muito importante, que a gente parou por conta do momento, foi as tours né? Que foi, o pessoal vir, então veio, pessoal de escola, faculdade, pessoal até, intercâmbio internacional, pessoal de galerias veio aqui visitar o nosso espaço, e foi muito importante porque era uma forma de manter também porque algumas tours a gente cobrava né por pessoa, a gente cobra pelas tours né, que aí tem todo uma organização, tem monitor que explica cada obra, então é tipo como se fosse um museu a céu aberto né, então é eu destaco assim ao meu ver, que é uma atividade que rolou bastante coisa, que aí a gente abrigou alunos aqui, do Mackenzie, eles dormiram aqui, conheceram a quebrada.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí o pessoal, normalmente, e como vocês fazem esses contatos com as pessoas que você falou que vem pessoa de fora. Como é que é esse processo assim que vocês conseguem contactar essas pessoas?

Randal Bone: Então, é, foi por via assim de contato nosso mesmo que a gente conhece coletivos, artistas, e aí a gente divulgando, o pessoal foi se interessando, foi entrando em contato pelo Instagram mesmo, ou por telefone, ligava “Ô quero ir aí, vou levar um pessoal”. Negotinho também é um articulador muito forte também que traz as escolas, é, os alunos né, já fechou com bastante escola. Não vou lembrar aqui o nome das escolas, mas foram várias escolas, mas foi assim, foi mágico assim, o pessoal entra aqui, normalmente aqui já fica né, “oh nossa, que lindo e tal”, e de ver a quebrada toda colorida né, apesar que no nosso ver tem muita coisa pra fazer

ainda, a gente quer pintar as calçadas, o chão, quer transformar esse lugar, essa é a ideia né, mas o que falta às vezes é o recurso né, que é caro, tinta, é spray, aí vou vai recepcionar que nem uma outra atividade que é importante que é receber os artistas, e eles ficarem aqui à vontade, produzir, expor, e a gente dá toda essa recepção pra eles. Eu mesmo, acompanhei vários artistas aqui, dormi aqui, aí a gente “ah quero conhecer, quero ir em um lugar”, e a gente ia pra um lugar, e foi muito legal, foi muito importante pra mim, e acredito que pra eles também, como experiência, como aprendizado, né.

Nísia CPDOC Guaianás: E esses artistas eles vêm sempre fomentados, ou às vezes não, eles vêm só pra mostrar o trampo, como que é essa troca que vocês fazem:

Randal Bone: Isso eles vêm por conta deles. E aí a gente dá todo o apoio, tira do bolso, é a gente que faz acontecer. Teve, teve várias ações que foi fomentada, igual você perguntou e tal, mas tem muita coisa que é por nós né, muita coisa a gente que se vira assim, através dos trabalhos que a gente faz, das obras que a gente vende, é e a gente vai alimentado esse intercâmbio, essa coletividade.

Nísia CPDOC Guaianás: Você falou das ruas, e qual que é o nome desse bairro:

Randal Bone: Aqui é o Vila Flávia aqui. São Mateus, Vila Flávia.

Nísia CPDOC Guaianás: E a relação de vocês com a comunidade?

Randal Bone: Ah é bem importante, é legal sim. Hoje eu digo que assim, a gente evoluiu muito nesse ponto, porque a gente sempre tá conversando, a gente sempre tá interagindo, né o pessoal gosta da gente, admira o nosso trabalho aqui, pelo menos é o que eu vejo o pessoal falando, admirando. Quando fala de grafitti “ah então vai pintar meu muro, cadê meu muro?”, então isso é legal assim, e o pessoal aceitou né, alguns não deixam, mas outros tá na fila esperando, é bem legal isso aí.

Nísia CPDOC Guaianás: Teve um momento assim de dificuldade que o grupo passou e você consegue recordar bem assim, um momento difícil da trajetória de vocês.

Randal Bone: Então, eu acho que sempre foi difícil né pra gente, e aí com o tempo, algumas coisa foi melhorando [risos], porque nunca é fácil né, tipo assim porque assim algumas vezes a gente chega num nível e a gente nunca pode achar que tá fácil, porque foi difícil e é difícil, por mais que a gente conseguiu algum recurso, ou conseguiu alguma coisa, é difícil ainda, né, a gente manter esse projeto, manter os grafittis, manter tudo isso né que a gente faz, e eu acho que um dos momentos mais difíceis mesmo, é esse momento agora que a gente tá vivendo, né, de dinheiro, coisa que a gente tem que se reinventar, mas eu tô bem assim, ao mesmo tempo triste, e ao mesmo tempo feliz de poder ajudar, de poder fazer alguma coisa nesse momento né,

porque a gente participou de ações, fizemos homenagem, fizemos um grafitti aqui homenageando o pessoal da saúde juntamente com o SUS, né e com a Reserva do Carmo, a Ellen. A Ellen é muito especial pra gente, é e inclusive tá do lado do Sesc né, e a gente fez também antes da pandemia a gente fez um projeto de revitalização do muros ali da entrada do Aricanduva ali, juntamente com outros coletivos, né, e é muito importante, ali tem um espaço muito rico ali né, o nosso pulmão né, meio ambiente, então é, isso é uma ação que assim eu quero tá muito assim, que eu acho que é onde a gente precisa tá, porque é uma situação difícil porque aqui a gente trabalha com a conscientização mas o pessoal joga lixo no rio ainda, a gente restaurou aqui, a gente vai passar lá pra dar uma olhada, era um esgoto à céu aberto e hoje já tá canalizado, né, tem os canos lá que dividem o esgoto da nascente, porque lá tem uma nascente, aí dá até pra ver uns peixinhos e tal, aí dá pra ver até uns peixinhos pequenininhos. Então e tudo isso é importante, essas parcerias né que a gente foi conseguindo com o tempo, e a gente deu esperança que dá pra fazer alguma coisa, né, de conscientização, de melhorar essa questão de meio ambiente, ainda mais com essa questão do vírus, acho muito importante essa ação de diálogo, de, das pessoas se proteger, de não jogar lixo, porque o lixo também é uma forma de acumular coisas ruins ali, bicho e um monte de coisa né, então é, isso é uma das dificuldades assim, dessa luta aí de conscientização, mas tá rolando, e tamo aí na resistência né.

Nísia CPDOC Guaianás: Você escolheu esse lugar aqui, né, esse grafitti, fala um pouco pra gente do grafitti.

Randal Bone: Então esse grafitti aqui [mostrando o grafitti na parede], ele retrata assim, primeiro a esperança né que é uma criança, então se vocês der uma olhada, ela tem todo uma nostalgia ali né, um olhar, tem uma coisa mística ali do Egito, ali da história, né, tem a favela né que é a nossa morada, que é onde a gente habita e trabalha, é, e eu acho que é isso, a esperança né, é essa a palavra que resume assim essa obra aí.

Nísia CPDOC Guaianás: O autor da obra, vocês criam coletivamente?

Randal Bone: Isso, esse é um trabalho do Opni, Grupo Opni. Foi feito por seis mãos.

Nísia CPDOC Guaianás: Bone e como que vocês estão fazendo agora no processo da pandemia, nesse momento atual? Como vocês tem reinventado as atividades de vocês?

Randal Bone: Então, a nossa atividade ficou assim, o pessoal não deixou de pedir trabalhos pra gente, né, isso tem um lado positivo aí que não faltou trampo né, mas com aquele cuidado, equipe reduzida, por conta do vírus, então invés de ir três, vai um, invés de ir cinco, vai dois, então a gente teve essa gestão assim, e as aulas são todas remotas né, porque eu dou aula de medida sócio educativa né, então é eles mexem muito no Facebook né, e aí por eu ter todos eles

foi bem fácil de conduzir, ó me manda uma atividade, e eles mandar a foto, então foi tudo assim foi um pouco difícil né porque é uma coisa nova, pra eles e pra nós também, mas rolou, tá rolando, tá acontecendo, assim manteve o vínculo né.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí junto com o São Mateus em Movimento vocês estão entregando cestas básicas. Como é que é?

Randal Bone: Isso, então, é, juntamente com o São Mateus em Movimento, com a equipe aqui nossa toda, e com o apoio da CUFA né, do jardim Elba ali também grande parceiro nosso, é, a gente conseguiu cestas básicas, doações, teve um dia que a gente conseguiu peixe, conseguimos o apoio da Aurora, acho que foi no dia das mães, a gente conseguiu frango, e todo mundo ganhou frango, foi bem legal, fiquei muito feliz assim de, e o pessoal tá acreditando né, e apoiando a gente aqui, todos os parceiros, o Assaí, né teve vários parceiros aí que através desses contatos que a gente tem, a gente conseguiu essas doações né, quase três mil cestas básicas, bastante, eu acho que até mais, porque chegava caminhões e descarregava aqui, e aí quando ia ver não tinha mais e aí chegava de novo, e o pessoal se inscrevendo e fazendo fila aqui na porta, né, essa foi a ação mais acho que importante né, durante essa pandemia aí, porque, o pessoal muito, assim, sem condição de trabalho, de lidar com a fome né? A fome é coisa séria né? Bem triste assim.

Nísia CPDOC Guaianás: Aí você falou de formações né, que vocês fazem aqui. Quais as formações que vocês geralmente fazem?

Randal Bone: Então é, porque a gente trabalha mais com oficinas né, é uma coisa mais solta, não é tão formal assim né, mas é a gente sempre aborda os temas, o conceito, e deixa ele a vontade porque assim, depois que eu assisti um documentário que chama “Educação proibida”, já assistiu? Então é bem importante a forma de a gente deixar a criança ou o adolescente, deixar ele se descobrir né o que ele quer. Então a partir do momento que você fala “ah faz essa atividade aqui”, não é aquela atividade, às vezes ele quer fazer uma arte abstrata, jogar tinta, espirrar tinta, fazer uma arte com a mão, então a gente deixa ela bem livre né, nesse ponto de formação assim não é muito, não é tão formal assim né, a gente deixa eles mais livres, é e também rola sim as atividades capoeira, música, eu acho que a formação que eu vi uma coisa bem legal que foi do Gleyson, que desde pequeno a gente acompanha ele, é desde pequeno a gente dá aula pra ele, e hoje ele é um artista, faz os trabalhos dele, trabalha com a gente, né, faz parte também do coletivo, então a gente acompanhou ele assim né então, isso pra mim foi uma formação ,e a gente vê realmente que deu resultado, aquela sementinha ali, já gostava de desenho e a gente acabou formando ele como um artista, um grafiteiro.

Nísia CPDOC Guaianás: E dentro da crew da Sociedade Fantoche, normalmente é quem vai chegando, como que é formada essa crew?

Randal Bone: Então Sociedade Fantoche é mais antigo né, então tem mais o pessoal, não entra, não entra mais, que é uma coisa que, talvez possa entrar, mas eu acho que é uma coisa bem histórica sim a Sociedade Fantoche, que a tesoura ela simboliza o corte das linhas, que é a sociedade fantoche, então a gente entende o que, que somos fantoches, que estamos sendo controlados o tempo instantâneo, e essa tesoura é pra cortar essas linhas, da manipulação, então tem esse conceito né, e aí não tá muito dentro da linha artística, acho que tá mais no protesto, então a gente não incentiva nenhuma pessoa se revoltar e sair pichando por aí [risos], né? Não é, porque às vezes, né, a gente se expressa, eu mesmo já fiz algumas intervenções, é, momento né, momento de expressão, de fazer uma pichação assim, é arriscado, mas eu acho que com um propósito. Né?

Nísia CPDOC Guaianás: A gente andando aqui pela Favela Galeria, a gente viaja por todas as partes né? Como que é o processo de criação de vocês, da escolha. Como que é esse processo assim?

Randal Bone: É, de escolha?

Nísia CPDOC Guaianás: Das obras? Como que vocês criam, que que vocês escolhem pra colocar na parede? O processo de trabalho vocês mesmos...

Randal Bone: Do Grupo Opni?

Nísia CPDOC Guaianás: Isso, do Grupo Opni.

Randal Bone: Então esse processo vem com base nesse conceito né da quebrada, do conceito é, como eu posso dizer, da questão racial, da questão social né, várias coisas a gente traz no nosso trabalho assim nesse sentido, com esse conceito. De injustiça, contra as injustiças, ainda há esperança, assim sempre trazendo esse conceito né, de resgate né, de inclusão né, acho que é sempre assim.

Nísia CPDOC Guaianás: E aí as criações são coletivas algumas vezes, individuais, como que é?

Randal Bone: Sim, é cada um de nós tem um, uma marca, né. Só que por a gente trabalhar muito tempo, a gente acaba um mexendo no trampo do outro, a gente faz tudo junto, então se eu faço um personagem, aí vem o Val, o Toddy, e faz uma intervenção também, aí o Toddy faz alguma coisa aí eu vou lá, então a gente acaba fazendo tudo junto mesmo, né, cada um puxa um estilo e a gente acaba mexendo um no trampo do outro, interagindo, a gente sempre tenta

entrelaçar os estilos, pra ficar uma coisa única, pra não ficar aquela coisa um aqui, outro ali e o outro lá, fazer aquela coisa juntos mesmo né, a gente sempre busca isso.

Nísia CPDOC Guaianás: E os espaços que vocês transitam assim, é, os parceiros e espaços que vocês poderiam destacar assim pra gente?

Randal Bone: Parceiros e espaços aqui na comunidade? Ou geral?

Nísia CPDOC Guaianás: Geral assim os parceiros que vocês têm?

Randal Bone: Ah então o Jardim Elba é um né, o pessoal ali do Sabotage, né na, Heliópolis ali né, que é onde morava a família dele, e lá também a gente fez homenagem pra ele lá onde ele morava mesmo, fizemos um trabalho do Sabotage, e a ideia é fazer lá também uma galeria, então a ideia não é ficar a galeria só aqui, né, a gente tem vários pessoal que também querem, que tem sede desse, olha a arte e tem sede de arte, então a gente tá, é só organizar tudo isso né, então muita coisa que tava pra acontecer parou, por conta desse momento né. Tem vários parceiros, aqui de São Mateus porque tem várias favelas aqui né, pessoal do samba, pessoal da Maria Cursi, samba da Maria Cursi, ali também tem o Favela, ali na São Rafael, que é o Favela Choperia que a gente retratou os ícones do samba, e aí todo mundo olha aquele graffiti e fala “nossa é vocês lá, e tal”, e lá sempre lotou né, é referência ali, então esse é um espaço também parceiro. É, também a gente tem a Reserva do Carmo aqui com a Ellen né, que a gente começou, eu escrevi um projeto também visando essa preservação do meio ambiente, junto com a arte, né em parceria com o Sesc, a gente fez lá, revitalizou os muros ali da entrada né, grande parceiro, vocês, a Ellen muito importante estar junto com vocês assim, é, eu acho que dá pra acontecer bastante coisa, porque esse projeto é um expansão da Favela Galeria, então a gente imagina o que a Favela Galeria, porque somos vizinhos aqui né, então tá fácil da gente fazer alguma coisa, junto com tours e tudo mais, tipo eu já imaginei assim aquela mata ali com umas estação de arte, tipo assim tá no projeto né, e com parceiros. A gente também tem por exemplo o CORAGEM né, que a gente já fez lá uma exposição. Então tem muita gente aí que tá com a gente né, assim de nível alto né, tem vários parceiros aí. Alguns comerciantes, pessoal da Empório do Surf aqui a loja, a gente tem vários projetos também, é só tirar do papel agora, [risos].

Nísia CPDOC Guaianás: E pensando em objeto, qual objeto que você escolheria se você fosse, que representa aqui a Favela Galeria?

Randal Bone: Um objeto? Olha, pergunta boa hein. Um objeto que representa tudo isso?

Nísia CPDOC Guaianás: É, sei lá uma obra. O que você queira assim, o que você guardaria assim que representa a Favela Galeria?

Randal Bone: Olha eu não sei se vocês deram uma olhada, mas a gente tem tipo uma escultura ali, de uma favela? Eu acho que aquilo ali eu colocaria pra frente essa escultura, porque é tipo uma maquete né? Que ela foi exposta no MUBE em 2007, se não me engano. Não, desculpa errei, isso foi 2014. Essa obra ela foi exposta e ela foi evoluindo porque a gente foi acrescentando coisa nela, então ela foi exposta lá no MUBE, a gente trouxe pra cá e falou, não peraí esse lugar cabe mais coisa, aí a gente foi colocando mais uma casinha, mais uma escultura, aí foi pintando ali e tal e ainda tá em transformação, então eu acho que é uma obra que sim, a mais valiosa assim que a gente fez, pela história, e por simbolizar essa transformação porque ela tá em processo ainda, cada hora a gente vai, nós vamos colocando lá mais coisas, né.

Nísia CPDOC Guaianás: E o trampo de vocês normalmente tem outros espaços que vocês apresentaram as obras de vocês que você gostaria de destacar assim? Que vocês fazem.

Randal Bone: Então a gente expôs em vários lugares né, mas teve uma que foi legal demais assim que eu conheci uma diversidade de artistas assim que eu não sabia, foi no In Loco a exposição, não sei se vocês já ouviram falar? Na In Loco, já ouviu falar? E lá foi muito legal assim, muito legal a interação com os artistas, né, tinha uma artista trans lá que meu trabalho dela incrível, eu até perguntei pro Toddy esses dias aí “como é que é o nome dela meu?”, e a gente, “putz! É mesmo o nome dela né?”, mas a gente esqueceu, perdeu o contato, mas era uma coisa impressionante assim, surreal, uma arte, a gente até conversou com ela e tal, de trazer ela pra cá, uma exposição e tal, mas isso aí tá fácil de conseguir [risos], esse contato aí.